

## Visualizar vestígios para não esquecer o passado: a memória do trabalho fabril em fotografias e objetos da Laneira Brasileira S. A.

Chanaísa Melo<sup>1</sup>

### Resumo:

A Laneira Brasileira Sociedade Anônima, localizada no Bairro Fragata em Pelotas RS, foi uma importante indústria para a comunidade pelotense que contribuiu para o desenvolvimento econômico e social da cidade através de atividades voltadas para a produção e comercialização de lã. Devido à falência, a Laneira manteve-se fechada por cerca de mais de seis anos até ser adquirida pela Universidade Federal de Pelotas em 2010. A presente pesquisa tem por objetivo refletir a respeito dos fragmentos encontrados nesse antigo espaço industrial, focando nos exemplares da coleção fotográfica e de alguns dos objetos utilizados no cotidiano da empresa, o conceito de suportes de memória coletiva. Como parte dos procedimentos metodológicos, estão sendo desenvolvidas ações voltadas para a preservação desses materiais, a serem componentes do futuro memorial desta fábrica. O estudo relaciona as tipologias de materiais existentes e busca introduzir elementos para uma discussão sobre o papel da fotografia no âmbito de um esquecimento em curso.

**Palavras-chave:** Laneira Brasileira S. A. Fotografia. Memória.

### Introdução

A visualização de fragmentos que permanecem nos espaços desabitados e que resistem à ação do tempo é instigadora na descoberta dos testemunhos que ali efetivaram sua história. Ideais, valores e locais comuns a uma coletividade vão sendo redefinidos por um novo olhar que busca no passado ressignificar e adaptar essa herança cultural. A antiga indústria produtora de lã Laneira Brasileira Sociedade Anônima, surge, neste momento, como o tema principal que busca refletir a respeito dos fragmentos encontrados nesse antigo espaço industrial, inclusive e, sobretudo, os álbuns que hoje se situam na coleção fotográfica da fábrica, como elementos que se articulam – ou são articulados – para se tornarem suportes significativos de uma memória.

A indústria citada esteve em atividade por um período de mais de cinquenta anos, fazendo parte do desenvolvimento econômico e social de Pelotas. Em 2003 a Laneira Brasileira S. A. fechou as portas, após um longo processo de falência, o que ocasionou outro rumo para sua história e para os que fizeram parte dela. Em 2010 a Universidade Federal de Pelotas

---

<sup>1</sup> Graduada em Artes Visuais (FURG). Mestranda no PPG em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas.

adquiriu o prédio e todo o terreno que a ele pertencia. Parte do prédio já se encontrava descaracterizada, os galpões construídos posteriormente ao prédio principal situado na rua Duque de Caxias estavam comprometidos e não havia, no momento, um projeto de destino para a edificação ainda existente. Foi no contexto desta emergência, entre determinar a designação do prédio e conservar o edifício original, que se deu a proposta do Memorial da Laneira, depois acrescida do surgimento do Museu do Conhecimento para Todos. O que este texto apresenta é o percurso de um trabalho de reunir os poucos vestígios desta fábrica e atribuir a eles a função de contar sua história e, ao mesmo tempo, a reflexão sobre o conjunto de fotografias que ingresso no Arquivo Fotográfico Memória da UFPel e como esse conjunto passou a dialogar com os demais já existentes. Por este meio pretende-se, da mesma forma, refletir como as fotografias, fonte de informações, podem nos fazer visualizar as diferentes vivências, tanto individuais quanto coletivas, no intuito do reconhecimento das trajetórias de um espaço e tempo formados por pensamentos e lugares diferenciados, os quais em muitos casos se encontram em total abandono e esquecimento.

### **Vestígios de um passado: o caso da Laneira Brasileira Sociedade Anônima**

A Laneira Brasileira S. A. localizada na Rua Duque de Caxias, números 104 / 114, Bairro Fragata em Pelotas, caracterizou-se aos poucos no cotidiano pelotense. Por volta de 1949 foi realizada a compra de um prédio de alvenaria com treze aberturas de frente, sendo cinco portas, cinco janelas e três portões, sob os números 100, 102, 104 e 106, edificado em terreno próprio. Nos anos de 1952 e 1953 foram adquiridos mais dois terrenos sem benfeitorias, situados ao lado leste do prédio número 104 de propriedade da referida indústria. Também em 1953 foi arrematada uma casa residencial sob o número 114 e um portão sob o número 112, com pequenos quartos. Em 1972 a Laneira Brasileira S. A. realizou a compra de mais um armazém com três aberturas de frente sul à Avenida Duque de Caxias, número 116. Os imóveis números 102, 104, 106, 100, 112 e 114 adquiridos ao longo desses anos foram demolidos dando lugar a novas construções, abrangendo uma área de cinco mil seiscentos e dezoito metros quadrados de edifícios tipo fábrica, de alvenaria, compreendendo quatro pavilhões, escritórios administrativos e parte superior.

Segundo as informações retiradas do livro 100 Imagens da Arquitetura Pelotense, a construção do novo prédio industrial foi realizado pelo Engenheiro Paulo Ricardo Levacov em 1949, o qual projetou um edifício semelhante a um grande galpão, seguindo uma tendência modernizadora de prédios fabris de outras cidades, com plantas livres, fachadas simplificadas

e aberturas padronizadas. Além das paredes em tijolo à vista, pouco comum para a época e que abrigavam a maquinaria mais desenvolvida no tratamento da lã. Outra característica relevante do projeto foi a criação de um arcabouço físico que desse suporte e bom desempenho ao processo industrial, desde o acesso a matéria prima, a lã suja e seu tratamento, lã limpa e empacotada.

De acordo com a notícia publicada no dia 22 de fevereiro de 2010 no site da Universidade Federal de Pelotas, no auge do seu funcionamento a empresa contava com duzentos e setenta funcionários. Diariamente eram recebidos trinta caminhões, cada um com trezentos fardos de lã. O produto chegava à estação férrea de Pelotas procedente de municípios como Bagé, Santana do Livramento, Uruguaiana e de cidades uruguaias. A lã era lavada, cardada e montada numa espécie de novelos gigantes, após o produto seguia para outras empresas que transformavam a lã em fios.

Após seu fechamento, em 2003, a Laneira manteve-se inoperante até ser adquirida pela Universidade Federal de Pelotas em 2010, para vir a ser um espaço cultural acessível à comunidade, além de abrigar uma nova unidade do curso de medicina. Dentro do espaço voltado a cultura irá se constituir um memorial sobre a trajetória dessa indústria através do resgate e da preservação dos artefatos materiais encontrados nesse ambiente fabril.

Dentre os artefatos resgatados de valor significativo para estudo e compreensão do desenvolvimento dessa fábrica em Pelotas estão: documentos referentes ao processo de compra e venda de imóveis, livros de registros, plantas arquitetônicas, fotografias, mobiliário, peças de máquinas, etc.

Resíduos que marcam a passagem de um tempo entre a ascensão e o declínio, o “barulho” e o silêncio, a memória e o esquecimento. Para Nora (1993): *“os lugares da memória são antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora”*.

Nora denomina como restos os vestígios que nem sempre tão distantes de um espaço e tempo estão impregnados de um valor simbólico e de uma consciência de memória. Memória essa que liga o presente ao passado numa constante atualização das representações vivenciadas pelos indivíduos e que possibilita a renovação dos pensamentos e das ações.

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. (NORA, 1993, p. 9)

Como lugar de memória, retornar ao passado desconhecido da Laneira pela observação dos restos que permaneceram neste espaço desativado e que resistiram à ação do tempo é instigador na descoberta dos testemunhos que ali efetivaram sua história. É essa curiosidade do voltar a um contexto diferente do qual vivenciamos e que tentamos entender como era a rotina do dia-a-dia, as pessoas, os modos de agir e pensar que faz com que a memória dessa fábrica ou de outros locais em situação parecida não seja totalmente esquecida.

José Manuel Sobral (1999) cita em seu texto *Da Casa a Nação: Passado, Memória, Identidade* a relação dos rituais e usos de objetos evocadores da memória no processo de construção da identidade pelo âmbito da *casa* como uma das fontes que permitiu imaginar a *nação* na Europa Ocidental.

As casas (residências) funcionam como mementos da memória. [...] Móveis, pinturas - algumas retratos de família -, loiças, pratas, uma biblioteca formada no século XIX, uma preciosa coleção de armas, constituem os elementos destacados do recheio. Muitos destes objectos constituem por si mesmos dispositivos mnemônicos, ponto de partida da recordação. Assim, o retrato de avós serve para se referir a sua vida e acção. [...] A biblioteca evoca o avô que a formou. A visita aos quartos desencadeia a lembrança dos que os habitaram, enquanto as mobílias e a coleção de armas nos remetem para o pai, que adquiriu estes bens. Além disso, há móveis com gavetas repletas de documentos relativos à família – desde a simples correspondência a diversas escrituras relativas ao destino da propriedade ao longo de várias gerações. (SOBRAL, 1999, p.75 – 76)

Horta (2005) também atribui significado aos fragmentos recolhidos por diferentes caminhos e instrumentos como suportes detonadores ou motivadores a serem estudados e interpretados de acordo com a memória de um grupo e dos seus lugares instituídos.

O aprendizado e o conhecimento desses processos de memória são fundamentais para a capacitação dos indivíduos na elaboração e compreensão de sua própria história, de sua habilidade de “fazer história” através dos fragmentos e relatos encontrados nos diferentes “baús”, pessoais, familiares, coletivos e institucionais. (HORTA, 2005, p. 38)

Tanto Sobral quanto Horta nos mostram a importância dada aos objetos que fizeram parte de uma história, muitas vezes interrompida pela modernização social, mas que dão continuidade e sentido a um passado reinterpretado no presente.

Como um quebra – cabeça a ser montado, alguns dos objetos encontrados na referida fábrica estão em fase de organização como as imagens fotográficas e os materiais que correspondem a peças de máquinas, livros, quadros, entre outros, tendo por objetivo a preservação e a valorização dessa trajetória fabril e dos personagens que ali se constituíram.

### **Vestígios de memórias: a coleção fotográfica Laneira Brasileira S. A.**

A coleção fotográfica Laneira Brasileira Sociedade Anônima foi doada em maio de 2010 ao Arquivo Fotográfico Memória da Universidade Federal de Pelotas, institucionalmente sediado no Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG) do Instituto de Artes e Design, o qual visa localizar e recuperar documentos através de pesquisas que possibilitam registrar visualmente a história das unidades que compõe a UFPel.

Algumas das fotografias dessa coleção encontravam-se coladas em álbuns, documentos ou estavam avulsas, compondo um acervo de mais de duzentas e trinta imagens entre preto e branco e colorido, de tamanhos variados e em bom estado de conservação, o que permite visualizarmos as fases do desenvolvimento da indústria.

Atualmente as fotografias estão em processo de sistematização como meio de preservação e estudo dos elementos formadores desse contexto fabril. Dos procedimentos voltados para a organização já foram realizados: a análise de todo o material, a pré-limpeza, o pré-inventário e a digitalização das imagens. O levantamento das informações de cada fotografia ainda está em andamento para posterior indexação no banco de dados.

A metodologia utilizada para a sistematização dos acervos que compõe o Arquivo Fotográfico do MALG segue as orientações do professor português Luis Pavão, responsável pelo setor de Conservação do Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa.

Desde seus primórdios a fotografia exerce um grande fascínio sobre a humanidade devido à potencialidade de sua técnica e aperfeiçoamento das máquinas para a captura de imagens como registros documentais ou criações artísticas.

Como documento arquivístico e suporte significativo da memória, a fotografia vem sendo inserida cada vez mais em bibliotecas, arquivos, acervos museológicos, coleções privadas ou públicas. De acordo com Mello (1998) o registro fotográfico é um documento relevante a ser preservado devido ao seu conteúdo informacional para os pesquisadores, documentalistas e para as pessoas em geral.

Quando observamos este fragmento de um dado tempo e espaço, estamos fazendo uma releitura do que nos está sendo apresentado, independente do contexto atual ao qual se insere, pois a representação fotográfica nos permiti imaginar para além dela, reinterpretando-a de diversas maneiras.

[...] como toda a forma de arte e de literatura, como todo o texto, a imagem fotográfica só existe plenamente se for investida por um leitor que lhe dê uma interpretação, operando desta maneira, uma *re – criação*, uma *re – escritura*. Tal valor agregado é igualmente tributário de um contexto no qual a fotografia é olhada e lida. Uma mudança de contexto equivale a uma mudança de interpretação e de leitura. (PRIORE, 2005, p. 28)

Didi-Huberman (2004) também enfatiza que a fotografia tem um duplo sentido que nos leva a uma leitura simples e ao mesmo tempo complexa, pois a imagem nos apresenta apenas uma cena, instantes que problematizam o que está sendo visto e não a realidade total dos fatos. Faz-se necessário imaginar, partindo da leitura e dos dados que as imagens nos proporcionam, na tentativa de interpretar o que ela nos revela e silencia de uma verdade e realidade.

Assim, quando olhamos as imagens correspondentes a Laneira Brasileira fazemos um exercício de curiosidade, de investigação, de reelaboração dos acontecimentos vivenciados durante seu período de produtividade, já que pouco se sabe sobre sua história. (Figura 1)



FIGURA 1: Sem identificação, fotografia PB, s/ data.  
Fonte: Coleção LBSA / Arquivo Fotográfico Memória da UFPEL

As imagens nos mostram como eram as diversas relações entre patrões x empregados, empregados x empregados, técnicas de produção de lã, funcionamento de máquinas, comemorações, enfim, as ações partilhadas, interligando as memórias desse grupo.

Segundo Séren (2002) o registro fotográfico substitui uma imagem perdida da realidade vivenciada, assim como substitui a nossa memória interna, indo além da experiência do real.

Sistema de representação visual, a fotografia nos traz a sensação de ausência, de algo que passou, mas ao mesmo tempo ela nos conforta pela sensação de presença, de reviver esse instante perdido trazido à tona pelas lembranças que as imagens suscitam em nossa memória.

Por isso a fotografia, fonte de recordação e de informações, torna – se um material imprescindível a ser preservado na busca do conhecimento e entendimento dos aspectos que identificam uma coletividade.

### **Vestígios de memórias: objetos remanescentes da Laneira Brasileira S. A.**

Os artefatos materiais que permaneceram no ambiente da Laneira Brasileira S. A. configuram – se como restos que correspondem a peças de moldes, máquinas, quadros, ferramentas, mobílias, livros, placas de metal, mostruários de lã, tonéis, enfim, objetos que levam a refletir sobre o que um dia foi essa fábrica.

Para a conservação desses artefatos, a exemplo do acervo fotográfico, foram realizadas algumas ações como: limpeza, organização, registro fotográfico e criação de fichas com alguns dados das peças. Primeiras medidas que possibilitam manter a integridade e o

aprofundamento de pesquisas voltadas para a investigação desses vestígios. (Figura 2)



FIGURA 2: Lote de Moldes, fotografia digital, 2011.  
Fonte: Arquivo Fotográfico Memória da UFPEL

Indícios de um passado visualizado através de sua materialidade, mas que somente ganharão sentido quando os mesmos forem recontextualizados em seus conjuntos, caracterizando suas utilidades em relação aos ritos efetivados pelos indivíduos que trabalharam na Laneira.

Diferente das fotografias, embora também nos levem a imaginar de qual equipamento seja “tal” engrenagem ou para quais fins fossem usados os moldes de madeira, os objetos por si só não nos apresentam uma cena dada a várias interpretações, por definição eles correspondem a sua própria designação.

O valor que damos aos artefatos materiais deve-se ao fato dos vínculos que estabelecemos com os mesmos se os compreendermos como componentes externos a nós. Com isso, a crença no uso de objetos pode apontar para qual grupo um indivíduo pertence, seu status social, seu trabalho, modos de agir e pensar que o identificam em seu meio de atuação.

Pels, apud Jones (2007) destaca a importância de tratarmos a materialidade das coisas como qualidade das relações e não qualidade das coisas, focando como as pessoas usam as coisas e como elas lhes permitem interagir. Por isso, quando observarmos os resíduos remanescentes da referida indústria, nos remetemos aos sujeitos que construíram suas identidades pessoais e coletiva pelo convívio diário, em diferentes setores de produção, no intuito do desenvolvimento da empresa.

Identities que nos instigam a suscitar memórias interligadas pelas lembranças dos objetos que concentram e refletem as mais diferentes experiências dos personagens que

passaram pela trajetória da Laneira, povoando o imaginário pelotense.

[...] *a identidade se fundamenta em uma relação de construção e em uma construção ideológica* que hierarquiza e fetichiza alguns símbolos supostamente próprios, mediante aos que se canalizam, ciclicamente, as energias e os sentimentos coletivos; porque os processos de construção das identidades são, como observa Juan José Pujadas (1993), *processos ideológicos* (conjunto de representações, valores, crenças e símbolos), *processos políticos* (com a finalidade de marcar os limites entre nós e eles) e *processos culturais* (a história e a tradição), que representam o vínculo genealógico e a herança cultural. (ARÉVALO, 200?, p. 934)

Enquanto houver manifestações de memórias em torno dos vestígios da Laneira Brasileira S. A., essa não será esquecida, renovando-se dentro das multiplicidades do pensamento dos grupos atuais, além de valorizar seu contexto histórico e simbólico que permeiam a cultura do trabalho fabril voltado à produção e venda da lã gaúcha.

### **Considerações Finais**

A Laneira Brasileira Sociedade Anônima é um local carregado de memórias que ainda se configura na paisagem urbana de Pelotas pelos traços imponentes da arquitetura que marcaram a sua construção e o começo de uma história voltada para o comércio da lã na década de cinquenta do século XX.

Traços que ligam seu passado de pleno funcionamento a um presente representado pelo grande vazio, mas que ganhará um novo sentido ao fazer parte da Universidade Federal de Pelotas, a qual destinará um espaço voltado para a memória da antiga indústria.

O memorial a ser constituído abrigará inúmeros artefatos materiais, encontrados no ambiente da fábrica, os quais estão carregados de simbologia e sentimentos das mais variadas experiências realizadas pelas pessoas que formaram a Laneira. Por isso, torna-se importante a preservação desses objetos, analisados como fragmentos de um contexto que foi se modificando com o passar do tempo, possíveis de serem estudados.

A fotografia como um fragmento de testemunho histórico viabiliza a reconstrução dos acontecimentos pela sua visualização e rememoração, transformando-se num relevante suporte de referência para a memória, bem como, os objetos que refletem a relação das ações concretizadas na rotina desse trabalho fabril.

Vestígios imprescindíveis a serem preservados que possibilitam trazer a tona lembranças que se interligam através das memórias de um passado que continua a ser

reelaborado no imaginário daqueles que acompanharam ou acompanham a trajetória da Laneira Brasileira S. A.

## Referências

- ARÉVALO, Javier Marcos. **La tradición, el patrimonio y la identidad**. Disponível em: [http://biblioteca.crespial.org/descargas/tradicion\\_patrimonio\\_e\\_identidad.pdf](http://biblioteca.crespial.org/descargas/tradicion_patrimonio_e_identidad.pdf). Acesso em: 20 mai 2010.
- DID-HUBERMAN, Georges. En el ojo mismo de La historia. In: **Imágenes pese a todo**. Barcelona, 2004, p. 55 – 79.
- HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. Os lugares de memória. In: **Memória, Patrimônio e Identidade**. Ministério da Educação, 2005, p. 37 – 43.
- JONES, Andrew. From Memory to Commemoration. In: **Memory and Material Culture**. Cambridge: Cambridge U. P., 2007, p. 27 - 46.
- MELLO, Márcia. **Conservação Preventiva – o caso fotográfico**. 1998.
- MOURA, Rosa Maria Garcia Rolim de; SCHLEE, Andrey Rosenthal. **100 Imagens da Arquitetura Pelotense**. 1ª ed. Pelotas: Pallotti, 1998.
- NORA, Pierre. **Entre Memória e História – A problemática dos lugares**. Disponível em: <http://www.pucsp.br/projetohistoria/series/series1.html>. Acesso em: 17 mai 2010.
- PAVÃO, Luis. Conservação de fotografia – o essencial. In: **Cadernos Técnicos de Conservação Fotográfica**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Funarte, 2004, p. 6 - 12.
- PRIORE, Mary Del. A fotografia como objeto de memória. In: **Memória, Patrimônio e Identidade**. Ministério da Educação, 2005, p. 28 – 31.
- SÉREN, Maria do Carmo. **Metáforas do Sentir Fotográfico**, 2002, p. 19 – 52.
- SOBRAL, José Manuel. Da Casa à Nação: Passado, Memória, Identidade. **Etnográfica**, Vol. III, p. 71 – 86, 1999.
- UFPEl adquire imóvel da antiga Laneira Brasileira para a área da Saúde. Disponível em: <http://ccs.ufpel.edu.br/.../ufpel-adquire-imovel-da-antiga-laneira-brasileira-para-a-area-da-saude/#more-5964> . Acesso em: 10 ago 2010.